

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Janeiro-1927

5 TOSTÕES



37

sempre
five semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Proverbios ilustrados



--- Atraz de nós virá quem bons nos fará.



Os ditos da semana



O dito da semana é a aneddotica. A aneddotica é a blague. A blague—o riso. Os povos falam linguas diferentes e até cospem de maneira diversa. No riso, porém, são todos iguais. Hoje vamos internacionalisar esta página com um pèle-mèle anecdótico, curioso, variado e oportuno.

O credor está resistente, ameaçador, terrível. Fala alto à porta da escada. Nada o convence. Meia hora de argumentos. Por fim, transigindo, mas cobrindo a retirada:

—E' a décima segunda vez que procuro o senhor para pagar esta conta. Previno-o que não voltarei...

O devedor, muito amável, quasi alegre:

—Não seja supersticioso. Não tenha medo! Pode procurar-me pela décima terceira vez que não lhe succede mal nenhum.

Na America, que é o país da lei seca.

O orador:
—E' preciso deitar ao mar todo o vinho, todos os bêbados, todas as tabernas...

Uma voz:
—Não receia que a humanidade se afogue?!

Noivos recentes. Lua de mel. Presentes. Flores.

Ao segundo dia mão anónima envia-lhes dois bilhetes de teatro e um cartão, no qual se lê: *adivinhem de quem é o presente?* Ela procura saber. Ele também. Mas a hora do espectáculo aproxima-se. Vestem-se. Saem. Teatro até à meia noite. No regresso, ao subirem a escada de casa, ela insiste:

—Quem poderia ter esta atenção?

Ele não responde, preocupado em dar volta ao comutador electrico. Nisto, um grito de espanto sacode os dois. Estão roubados! Os gatunos levaram tudo quanto puderam.

No meio duma sala vazia, um grande papel, com esta legenda:

Agora já o sabeis!

Jack — Parece que os casamentos mais felizes são aqueles em que marido e mulher não se parecem nada.

Jim — Estou perfeitamente de acôrdo. E' por essa razão que procuro uma rapariga rica...

João — Julga-se um homem pelas pessoas que o acompanham.

Acacio—... E pelos cigarros que fuma...

Serapião— Melhor ainda, pelos que oferece...

Alice — Quiz-me abraçar por força!

Helena — Pobre rapaz! O que fez ele?

Alice, corando muito— Apagou a electricidade...

Entre pacifistas:

— Não haverá um meio de evitar as guerras?

— Facil! Decretar que o vencedor pague as despesas do vencido.

Na praia:

— Então vais tomar banho depois de comer?

— O que tem isso?

— Podes ter alguma congestão!

— Não tenhas receio! Só comi peixe...

Num grande armazem, á tarde. Um homem bem vestido anda dum lado para o outro, com um ar muito triste.

O fiscal aproxima-se:

— Procura alguma coisa?

— Perdi minha mulher...

— Terceiro andar... á esquerda... ao fundo da galeria... artigos de luto.

O padre:

— Lembrai-vos que na vida a riqueza não dá felicidade.

O crente:
— E' verdade... mas permitte-nos escolher a miseria que nos é mais agradável.

A patrão:

— Oh! Maria! Como é possível que ontem á noite tivesses visto um homem, na cozinha!

— Nada mais facil, minha senhora. Pelo buraco da fechadura.

— O que é a delicadeza? — pergunta uma senhora, respeitavel e bonita, a um velho D. Juan, ilustrado de aventuras e conquistas.

— A delicadeza, nada mais facil de exemplificar, minha senhora. Se por acaso abro a porta dum quarto de banho e vejo uma mulher, nua como Eva, admiro um instante, e depois fecho a porta, dizendo: «Perdão, cavalheiro!»

Ela — Se perdesse a sua mulher, casar-se-ia comigo?

Ele — Logo, lamentando apenas não ter outra mulher com quem casar depois...

Um mestre de obras, americano, para os seus operários:

— Vamos, que diabo! Trabalhem! Eu não posso pagar se vocês não produzirem.

Um, que é filosofo da preguiça:

— Roma e Pavia não se fizeram num dia...

— Não sei nada disso... em todo o caso não fui eu que tomei conta da empreitada.

Um dia, Carnegie, encontrando-se na Georgia, visitou uma igreja, á hora em que se celebrava missa. Fez-se o indispensavel peditorio. Quando o menino do côro chegou junto de Carnegie, o milionario colocou na bandeja dos obulos uma nota de cincoenta «dollars».

Terminada a missa o padre contou o dinheiro e, ao vêr a nota, dirigiu-se aos fieis e pediu-lhes, apontando para Carnegie:

— Rezai, irmãos! Rogai a Deus que a nota de 50 «dollars», que aquele velho nos deu, não seja falsa!

Na prisão.

Uma senhora visita pela primeira vez a cadeia. A certa altura encontra um prêso simpatico, com cara de boa pessoa, e dois crimes na consciencia.

— Que pena estar aqui... Deve ficar muito contente quando sair...

— Nem por isso, minha senhora. Estou condenado a prisão perpétua...

O passageiro impassivel e mudo; a familia faladora, composta de papá, mamã, e menina de 17 anos. Linda.

O chefe da familia para o passageiro silencioso:

— Quere um cigarro?
— Não fumo, muito obrigado!

Uma estação; outra.

Voltando á carga:
— É um calice de vinho do Porto, vai?

— Agradecido, não bebo!

Meia hora vaga, ao longo dos «rails». O chefe da familia, impaciente, insiste em estabelecer conversa com o companheiro de viagem que lê atentamente uma revista.

— Vê-se que o senhor é uma pessoa culta. Minha filha e mulher também lêem muito.

— Não vale a pena, cavalheiro... Em viagem... não sei amar...



BRIC-À-BRAC

Ditadura amavel

Um homem do maior merecimento,
Que me proibe de dizer quem é,
Mas que esbanja carradas de talento
Nas palestras das mesas de café;

Saiu-se-me outro dia de repente
Com um dito que roça no genial,
Porque exprime e define exactamente
A situação politica actual:

Dizia a curiosa creatura,
Que o govêrno que a vida ora nos talha,
Brande a espada feroz da Ditadura,
Como um qualquer barbeiro usa a navalha.

Como um Figaro amavel e cortez,
Que por inclinação saiba da poda,
Volta e meia pergunta p'r'ó freguez:

— «A navalha incomoda?...»

JOÃO O FERNANDES

NOVELA DO «SEMPRE FIXE»

O espirito comercial

por JOSÉ BARBOSA

Um casal de noivos teve um «bóbo» que, pela falta do leite da mãe, foi amamentado a *biberon*, um *biberon* comprado numa farmacia do mesmo prédio, ao qual o petiz, por estar sempre agarrado, adquiriu umas formas de moço de forçado...

Quando ele saía à rua, ao colo da criada, esta tinha um trabalho a mostrar a toda a gente as rosas das coxas e as carnes duras do posterior. Era um exemplar digno de ser apreciado.

Ora deu-se o caso de um fotografo conhecido do pai, que acabava de montar o seu *atelier*, necessitar, para chamariz, de uma bela montra recheada dos mais lindos exemplares de beleza e, para isso, dirigiu-se ao pai da criança a pedir-lhe licença para fotografar o «miúdo».

—Convem-lhe, então, o rapaxinho? — disse o pai.

—Se me convém... — disse o fotografo.

—Pois muito bem. Eu dou-lhe a autorização, mas com uma condição—o senhor tem que me dar uma dúzia de retratos do petiz.

—Está dito — disse o fotografo — amanhã lá o espero, no *atelier*, mais ao petiz.

E, assim, o pai conseguiu arranjar —de borla—uma dúzia de retratos do seu futuro herdeiro.

Chegado o dia em que o fotografo inaugurou a sua nova casa, diante da montra, encontrava-se uma romaria de mães e pais com filhos pequenos para lhes tirarem o retrato.

O réclame do fotografo dera um excelente resultado.

Aconteceu que, dentre os «mirones» se encontrava um industrial que lançara no mercado uma nova farinha alimenticia e peitoral que, ao ver o retrato da criança, exclamou:—Que belo exemplar para figurar nos pacotes como marca da minha nova farinha!!!

Entrou na fotografia, inquiriu aonde moravam os pais da criança e, no dia seguinte, bateu-lhes à porta.

Recebido pelo dono da casa e feliz pai, o industrial disse ao que vinha.

—Não ponho obstáculos, disse o pai, porque ha pouco, precisamente, acabo de receber umas fotografias do petiz e cedo-lhe uma, mas com a seguinte condição:—o pequeno, que tem sido sustentado a *biberon*, visto que a mãe não tem leite, vai, por conselho do medico, entrar no regime das farinhas, portanto queira você mandar-me meia dúzia de pacotes para experiencia, isto sem prejuizo do seu réclame...

Tudo estava combinado. O pequeno veio à sala, em carne e osso, em exposição. O fabricante das farinhas tomava apontamento das cores dos cabelos, olhos e faces para melhor elucidar o litografo, quando bateram à porta e a criada veio anunciar que era o vizinho farmaceutico debaixo, que desejava falar com o dono da casa.

—O farmaceutico?! — disse o pai.

Que diabo querera o farmaceutico a estas horas?

—Disse que é por causa do menino.

—O menino não está doente mas, em todo o caso, mando-o entrar. E, dirigindo-se ao fabricante de farinhas, pediu-lhe licença para receber o farmaceutico.

O farmaceutico entrou, o pai fez as apresentações do estilo e rapidamente entrou no assunto:

—Olhe, vizinho, disse o farmaceutico, eu sei que o seu menino foi criado com um *biberon* que eu lhe vendi e do qual eu sou o concessionario. Esse *biberon* traz as vantagens que, pela experiencia, vossa excellencia viu. «O artigo ainda não está, positivamente, lançado no mercado, portanto ou venho pedir-lhe autorização para expôr o retrato do seu petiz na montra e distribuir, pelos meus colegas, uma reprodução, que é a melhor prova da sua eficacia.

Nesta altura o fabricante de farinhas olhou do soslaio para o farmaceutico, o pai olhou para o fabricante de farinhas e o petiz, sorridente, encharcou o arenal da criada com prognósticos d. diluvio!

O pai da criança, então, pensou rapidamente e seguiu:—Aquele dá-me seis pacotes de farinha, este, mesmo que me dê vinte *biberons*, não me servem para nada, portanto... disse para o farmaceutico:

—Meu caro senhor, tenho muita pena mas este cavalheiro, que é fabricante de farinhas, antecipou-se... A concessão para a *réra* effigie do miúdo já está dada...

—Perdão, disse o farmaceutico, eu ainda não tinha feito a minha proposta. Lamento, de facto, que isso possa vir a ser em seu prejuizo mas, já agora, gostava de saber quais as vantagens que lhe ofereceu este senhor: Falo-lhe assim pela confiança que temos pelo cavaco ameno de muitas vezes, na farmacia, em horas do ocio.

—Pois então, já que estão em frente um do outro, este senhor que o diga—disse o pai.

Ao fabricante de farinhas luxiu-lhe o olho pela franqueza do dono da casa... e não respondeu.

—Vá homem, diga-o francamente...

E como o homem das farinhas não respondesse, o pai atalhou:—Olhe, vizinho, ofereceu-me seis pacotes!...

—Pois ou ofereço-lhe mais um, disse o farmaceutico.

—Mas para que quero eu sete pacotes do *biberon*?—disse o pai.

—Perdão, não gracje, disse o farmaceutico. Eu sei que *pacote*, em calão, quer dizer conto de réis, portanto se perder um...

O fabricante de farinhas estava apopletico. A criança berrava como

um cabrito, a pontos de a criada o ter de levar para fora da sala.

O pai reconsiderava naquela dinheirama que lhe caía do céu, graças ao seu menino virtuoso e o fabricante da farinha, para não perder os seus créditos, berrou:—Dou sete e meio!

—Pacotes?...—disse o pai.

—Contos de réis!—disse o homem.

—Sete e meio!—disse o farmaceutico!

A criança, lá dentro continuava a berrar, a porta abriu-se e a sogra vociferou:—É melhor que te deixes de jogar o sete e meio e dos dinheiro para ir comprar leite para o menino, porque o leiteiro não veio.

—Dou-lhe oito, disse o fabricante,

—Oito e meio, lança o farmaceutico.

—Perdão, disse o pai da criança, que viu o *negocio*. Eu tenho um meio de conciliar a questão a contento de todos, sem que façam da minha casa a Ribeira em dia de léta:—O senhor, em vez de dar sete, dá cinco e cá o amigo, em vez dos oito, também dá cinco. Isto é—são dez!...

—Como assim?!—dizem os dois.

—Da seguinte forma:— O senhor, nos envolveros, põe: Esta farinha pode usar-se alternada com o leite dado pelo *biberon Forceps*, que é o unico conhecido que não fatiga as crianças! E cá o amigo farmaceutico, dirá:—Depois ou alternada a amamentação com o *biberon Forceps*, usem a farinha de Aço, que é a unica que torna as crianças robustas como a amostra. Eu dou-lhes duas fotografias, vocês dão-me dez contos e ficamos todos amigos. Você, vizinho, vende os *biberons* e a farinha, e você a farinha sem prejuizo dos *biberons*.

A ideia foi optimamente recebida, reconciliaram-se, o pai recebeu dois cheques de cinco contos contra documento, os pretendentes saíram, o pai acompanhou-os à escada e, na altura de a descerem, vinha a criada, esbaforida, com a vasilha do leite vasta.

—Não ha leite, minha senhora. O leiteiro tem a porta fechada. Disse-ram-me, como costumava deitar agua no leite, que a policia lho fechou a porta o prendeu-o.

—O quê!!!—disse a mãe. Elo deitava agua no leite?! E nós que só gastavamos do lá!...

—Então o nosso pequeno—disse o pai — arranjou aquelas banhas todas com leite destemperado?!... Teria ele tido alguma rã na familia?!...

No dia seguinte, o director da Companhia das Aguas recebia um retrato da criança, com a seguinte dedicatória:

FULANO e FULANA, pais da «prezente», agradecem reconhecidos, ao sr. Carlos Pereira, a nova forma de desinfeccção das aguas de Lisboa e oferecem o seu prestimo em Paris, para onde partem em viagem de recreio.

E lá foram arejar as massas da farinha e dos *biberons*...

JOSE BARBOSA

LUA DE MEL...



---E dizias que me havias de dar uma existencia dobrada!

---Começo por prateá-la...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Sabemos de fonte segura que entrou em ensaios de apuro, no Teatro Politeama—para se seguir á comedia *Mulheres-Homens*, que ha 66 anos fez grande successo em Paris — a *rèprise* da peça portuguesa *A Guerra do Alecrim e da Mangerona*, de Antonio José da Silva (o Judeu), que ha cerca de 200 anos tão ruidoso successo obteve no Teatro do Bairro Alto.

O papel de Mangerona será desempenhado por Ilda Stichini e o de Alecrim por Alexandre de Azevedo.

—Afinal o que é a *Mulher* do S. Carlos?

—Nada de importancia! Uma mulher como outra qualquer...

A companhia do S. Carlos esteve no choco cerca dum mês. Ensaaios e mais ensaios. Afinal, depois de tanto tempo saiu um pinto...

A galinha não cantou bem e o pinto não tardará muito que fique depeçado...

No Variedades vai um *Inferno*. Maria Matos faz de sogra antecipadamente.

Estamos convencidos que antes de pouco se ha-de regenerar...

Ainda esta época será levada á scena, num dos teatros de Lisboa, uma fantasia intitulada «Meninas Indigestas», original dum conhecido tradutor e illustre advogado.

Para esta peça as «maquettes» não são de Erico Braga.

No Trindade, depois da *Garçonne* o Sr. que se segue.

Era fatal! Os homens têm os seus direitos!

Quais são as mulheres que terão o prazer de patear a peça?



O Leite Barbosa e Arnaldo Carvalho parelha graciosa e irmãos no trabalho...

O Carvalho Leite e Arnaldo Barbosa são o belo enfeite da «tripa» chistosa.

O Climaco quiz remontar a *Lua Nova*, no Eden. Se assim fôsse seria quarto crescente na bilheteira ou quarto minguante?

Diz-se que o papel de lua-cheia era interpretado por uma gentil actriz daquele teatro.

Consta que um numeroso grupo de amigos do conhecido escritor teatral sr. Alberto Barbosa, agora no Brasil,

lho prepara uma festiva recepção quando regressar a Portugal.

Entre outras manifestações de regosijo realizar-se-ha um grande jantar, com duas ruidosas orquestras de «jazz-band».

A C. G. T. reuniu ha dias, extraordinariamente, para assentar quanto calha, por cabeça, a cada operario, nos direitos de autor das peças *O caso do dia e Justiça!*... originaes do ilus-

tre «leader» socialista dr. Ramada Curto.

O calculo foi feito por logaritmos e deverá caber a cada trabalhador cerca de um escudo e oito tostões.

O programa do partido é seguido á risca:—«Comem todos com moralidade».

A actriz Ilda Stichini, pelo visto tem ultimamente feito muita gymnastica sueca... ou de aparelhos. Está mais larga, mais alta, mais desenvolvida. Assim temos observado em todas as *premières*. Em cada uma que passa as saias daquela actriz sofrem uma grande redução.

E' caso para dizer: *sobre o manto diafano da fantasia a nudez forte da verdade...*

O problema financeiro do teatro portugues, segundo o resultado duma conferencia com uma entidade bancaria, será brevemente resolvido.

O emprestimo será feito pelo Banco Silva Tavares.

Depois da sexta representação, foi levantado o estado de sitio á *Garçonne*.

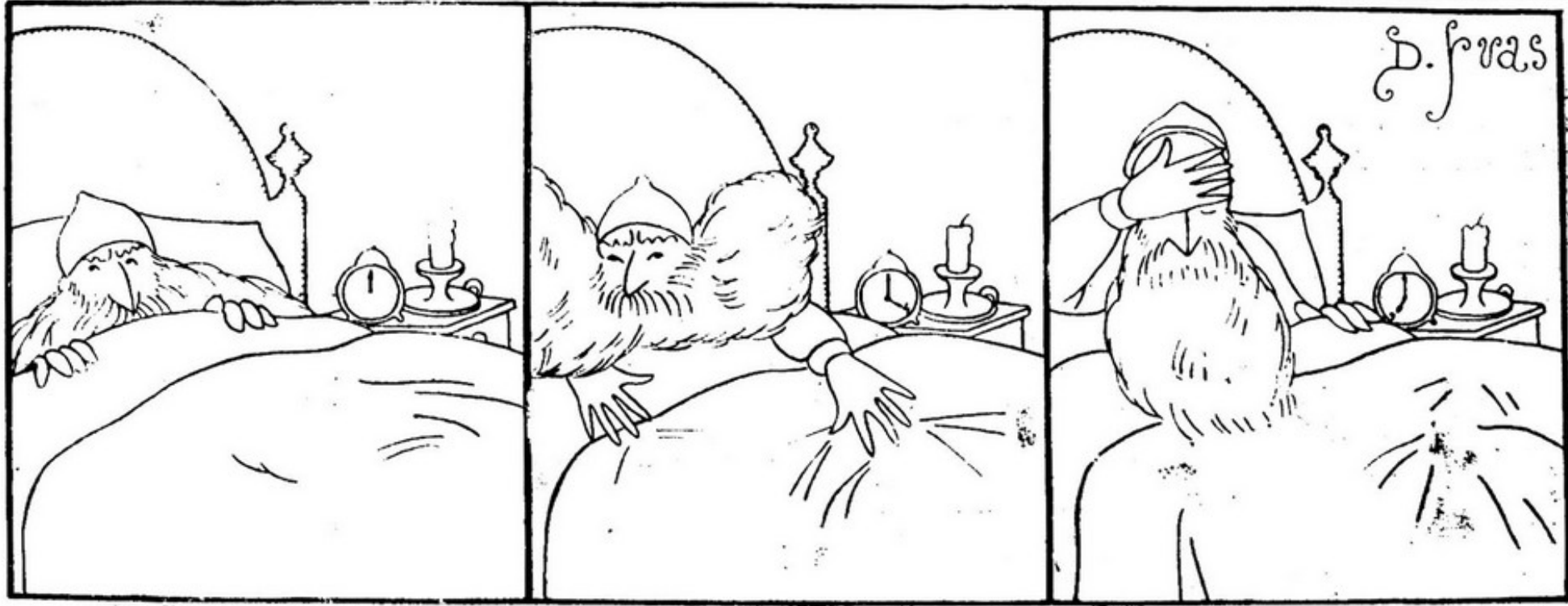
Como nos editais:—No Teatro da Trindade são permitidas todas as liberdades.

Quem as aproveitará?...

O Gimnasio monopoliza *O caso do dia* e agora *O caso da noite*, enchendo a casa todas as noites. *O caso do dia* está a cargo de Amelia Rey Colaço, que faz uma espanhola que veio para Portugal, e *O caso da noite* é Conchita Uliá, que se vai de Portugal.

Quem gosa com o caso, sem fazer caso de piadas, é o Robles, que enche as casas: e nos enrola á espanhola.

O Homem das 5 horas



— Mas assim é impossível dormir!

— E assim tambem...

— Que noite! Não tinha notado que as barbas me incomodavam

Bom humor

Récord de avareza:

—Um comerciante de Birmingham, que fechava o tinteiro sempre que molhava a pena, para evitar a evaporação da tinta...

—Um relojoeiro de Glasgow que parava de noite as pendulas dos relógios para não gastar os ponteiros...

—Um velhote de Londres que não lia jornais para não gastar os vidros das lunetas.

Um padre encontra um bebado que leva uma garrafa com um litro de vinho.

O sacerdote aconselha-o:

—Não beba tanto, João!

—E' só metade. O resto é para meu irmão.

—Então deite fora o vinho que lhe compete...

—Não posso, meu reverendo. O vinho que me pertence está no fundo da garrafa.

Um dia Mark Twain encontra varios homens medindo uma paliçada que dividia um cemiterio.

Pergunta:

—O que estais fazendo?

—Queremos mandar construir aqui um muro. Esta paliçada é indecente. Qualquer pessoa entra e sai com a maior facilidade.

Mark Twain:

—Um muro, para quê? Os que estão lá dentro não podem sair; os que estão cá fora não querem lá entrar...

Rudyard Kipling é um brilhante conversador. O celebre romancista inglês é conhecido pelos seus comentários incisivos, constantes. Um dia visita um amigo da provincia, que lhe apresenta as filhas e uma deliciosa garota de 10 anos.

A rapariguita, para se mostrar amavel com Kipling mostra-lhe o jardim da casa. No regresso o pai pergunta-lhe:

—Não aborreceste o sr. Kipling, não?

—Não, papá! Ele é que me aborreceu!

Luisa—Ela não come nada... Perdeu por completo o apetite...

Maria—???

Luisa—E' o que te digo. Ela nem mesmo quer comer os pratos que o medico lhe proibiu...

Um comboio descarrila. Entre os escombros mortos e feridos. Marido e mulher ficam, ambos indemnes, sob os destroços duma carruagem.

Pouco a pouco o homem consegue livrar os braços da tralha que lhe caiu em cima. Ansiosamente pergunta á mulher:

—Estás ferida?

—Não! Apenas maguada.

—Com certeza?

—Absoluta!

—Então cala-te!

—Porquê?

—Vais ver!

Prega-lhe um formidavel soco que lhe quebra dois dentes, e explica:

—Agora já podemos reclamar á direcção dos caminhos de ferro — dez contos de prejuizos pessoais.

Hidropesia



—O que me custa mais é a doença impossibilitar-me de ganhar dinheiro...

—Ca-se fornecedor da Companhia das Aguas!...

OS DRAMAS DE CHICAGO

OU

VICIO, VIRTUDE E PROVIDENCIA

PRIMEIRO ACTO

A imprevista protecção

(A scena representa uma casa pobre, em Chicago)

O PAI-AMERICANO-E-AGONISANTE — Ouve, pobre futura orfã! Em consequencia de especulações mal succedidas, a tua mãe e eu encontravamos-nos completamente arruinados, na época em que fizeste a tua aparição neste vale de lagrimas. Que ia ser de nós? Que fazer?

Foi neste momento que um afamado cirurgião me propôs a compra de diversas partes do meu corpo, para serem enxertadas em milionarios, clientes seus.

Aceitei o terrivel negocio, e nessa mesma noite entrei em casa com alguns dollars, mas sem um dedo minimo.

Alguns dias depois, estavamos outra vez sem dinheiro. Voltei ao consultorio do afamado cirurgião, para entrar, de novo, em casa, com uma unica palpebra. Passadas umas semanas, fiz o sacrificio da orelha direita. E, successivamente, vendi do mesmo modo, uma narina, as duas sobrancelhas, o calcanhar esquerdo, seis unhas e uma metade do rosto.

A POBRE-MAS-HONESTA-RAPARIGA — Meu pobre pai!

O PAI-AMERICANO-E-AGONISANTE — Graças a estes multiplos sacrificios, eu conseguia sustentar a nossa pobre familia. Tu ias crescendo, cada vez mais linda, e poderiamos ter sido felizes.

Mas, infelizmente, eu era jogador, e a tua santa mãe gostava muito do whisky.

Recaimos depressa, na mais sombria miseria. E então, resolvido a ganhar duma vez, e custasse o que custasse, uma quantia avultada, fiz um ultimo sacrificio e voltei ao cirurgião.

Quando voltei a casa, tua mãe, ao saber a extensão desse meu ultimo sacrificio, morreu de espanto e de desgosto.

Oh! mas eu sinto-me enfraquecer. O instante supremo aproxima-se... Mal tenho forças para te entregar esta lista... Contém os nomes e as moradas dos milionarios em quem foram, outrora, enxertadas as diferentes partes do meu corpo... Vai procurá-los... Talvez, por reconhecimento, esses milionarios te salvem da miseria...

Morro!... Adeus!

SEGUNDO ACTO

O rapto

(A scena representa uma rua deserta de Chicago)

A POBRE-MAS-HONESTA-RAPARIGA — Graças á lista de meu pobre pai, encontrei já a maior parte dos milionarios enxertados. Todos me receberam cordealmente. Após um dia inteiro de visitas e démarches, volto para casa, atravessando esta rua deserta.

Oh! A comoção que eu sofri quando um dos milionarios enxertados me

mostrou uma das mãos, dizendo:—

«Veja o dedo minimo de seu pai.» E que doce minuto de melancolia, quando um outro, afavelmente, me disse:—Fale, menina! E' um dos ouvidos de seu pai que a escuta.»

Mas, Deus do céu! Que vejo? Dois sinistros bandidos mascarados, lançam-se sobre mim! Querem-me raptar! Socorro!!

OS DOIS-SINISTROS-BANDIDOS-MASCARADOS — Transportemos, o mais rapidamente possível, a pobre-mas-honesta-rapariga para casa do «fogososo-yankee» que está apaixonado por ela e nos encarregou de a raptar.

TERCEIRO ACTO

Os sacrificios dum pai

(A scena representa um quarto luxuoso)

A POBRE-MAS-HONESTA-RAPARIGA — Meu Deus! Sinto que a minha felicidade está em perigo, entre estes «dambriss» dourados, para onde me transportaram os dois sinistros bandidos mascarados!

O FOGOSO-YANKEE (entrando)

—Finalmente! Vou poder satisfazer a minha paixão. (Avança para a pobre-mas-honesta-rapariga, reflectindo-se-lhe nos olhos, desejos perversos).

A POBRE-MAS-HONESTA-RAPARIGA — Estou perdida!

O FOGOSO-YANKEE (parando, bruscamente) — Mas isto é extraordinario! O fogo dos meus desejos extinguiu-se subitamente. Não me reconheço, eu, Jim Blackburn's, cognominado o «fogososo-yankee». Estou desorientado! Sai furioso e confundido.

A POBRE-MAS-HONESTA-RAPARIGA — Jim Blackburn's! Terei ouvido bem? Mas, se me não engano, este nome está na lista que me entregou meu pai. Vejamos.

(Consulta a lista e lê) Tom Pitt, uma sobrancelha; Joe Daddy, uma narina; Harry Scott, o calcanhar esquerdo; Major Fly, um dedo minimo em estado de novo; Jim Blackburn's, o meu maior sacrificio! (Compreendendo subitamente) Oh! (Cria pudicamente).

Compreendo agora porque é que o miseravel não ponde aproximar-se de mim!

Até, além-tumulto, meu pai me protege! O seu grande sacrificio, que outrora fez morrer minha mãe de desgosto, salvou hoje a honra de sua filha!

Oh! A Providencia existe! Pai! Meu pai! Obrigado!...

(Cai o pano)

Traduzido do estrangeiro por

ZE PARREIRO

Restaurante Roma

Rua do Mundo, 100 a 104

Telefone 520 Trindade

Todas as noites ceias especiais

Gabinetes reservados no 1.º andar

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado do Terreiro do Paço

MOTE

O Don José, sobre a sala, guarda no bronze os misterios tal qual uma sentinela de plantão aos ministerios.

GLOSAS

Antes de ser um adorno e ter ao lado o Pombal em vez do sceptro real preferia estar ao tórno. Como tinha o genio morno o Marquês, sem mais aquela, fez a linda praça bela e, depois de modelá-lo, pô-lo, tundido, a cavallo o Don José sobre a sala.

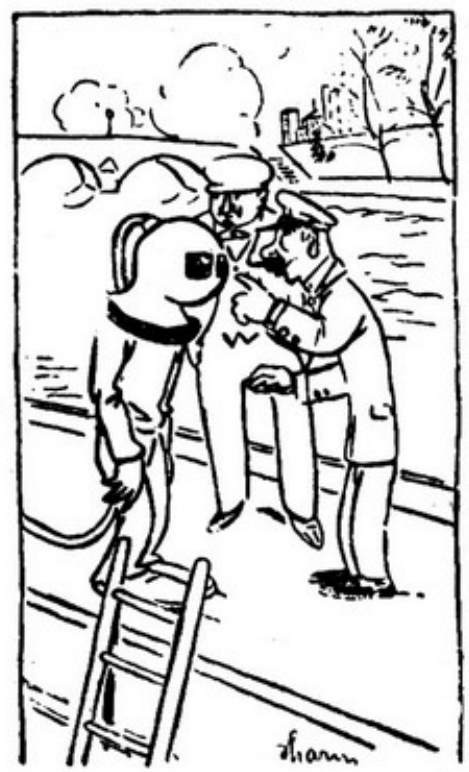
Quando havia a monarchia comandou como nenhum, o regimento do um nas salas d'artilharia. Ele, pela escadaria, quando os homens eram sérios, viu subir chefes d'imperios e mais cabeças reais. E, das colunas do cais, guarda no bronze os misterios.

Tem um cais tão porcalhão sempre debaixo do olho pra ver quando entra o repollo mais a carne e o bom melão. Para a fiscalização, com a bronzea olhadela, pelos ministerios vela e com o robusto braço lá no Terreiro do Paço e como uma sentinela.

Viu arder, sem comentários, as encamendas postais, viu civis e generais a esp'rar empregos varios. A tipos rev'lucionarios ouviu muitos improperios pelos destinos funereos das politiqueiras fitas... 'té viu tachos e marmitas de plantão aos mini terios.

JOSE BARBOSA

Ultima recomendação



—Lá em baixo, não fume... Faz mal aos peixes.



O Portugal-Hungria

Como o viram os criticos

Em Golt (Inglaterra) o club local de *foot-ball*, por motivos de ordem economica, dispensa-se de dar bilhetes aos espectadores que entram no seu estadio.

O espectador entrega o dinheiro na bilheteira, e é-lhe aplicado um carimbo nas costas da mão. Quando entra, mostra ao porteiro a mão carimbada, e pronto!

E' natural que entre nós, a coisa pague. E até com uma variante, em certos desafios com grupos estrangeiros:—O espectador, ao pagar, receberá como carimbo, um T na testa.

* * *

Henry Ford não é apenas um inexgotavel fabricante de automoveis — mas tambem um fabricante inexgotavel de anedotas.

Um dia, o grande industrial automobilista passeava guiando um *Ford*, e encontrou um outro *Ford* em *panne*.

Parou e offereceu os seus serviços ao dono do carro *empinado*, dizendo:

—«Conheço muito bem estas maquinas!»

O outro *chauffeur*, que ha três horas que suava debaixo do carro, declarou-se encantado e aceitou a ajuda. Henry começa a trabalhar. Verifica as velas, meche no carburador, agarra-se ao volante... e o carro põe-se em movimento!

Cheio de gratidão, o proprietario do auto, estende-lhe uma nota de cinco dollars. O grande industrial recusa. O outro insiste:

—«Aceite! Aceite, que o seu trabalho vale bem isso. Se eu estivesse sózinho ra capaz de estar ai até amanhã, sem dar com a *panne*.»

Para não aceitar, Henry Ford viu-se obrigado a confessar que tinha muito mais dinheiro do que aquele do que necessitava—que era multimilionario, enfim!

—«O senhor tem mais dinheiro do que necessita?»—diz o outro, espantado—«Então, por que razão anda num *Ford*!»

* * *

Falando do Portugal-Hungria, fundamentado-so numa apreciação do jor-

nalista francês Pelferkorn, e apreciando uma carta do dr. Hertzog, *manager* do *Sabaria* ou do *Hungaria*—escreveu Candido de Oliveira em *Os Sports*:

—«O resultado obtido com a Hungria vem confirmar: *Portugal tem classe internacional*. Ora é isto que a carta do sr. Hertzog não conseguiu negar... nem impedir... E' isto que, afinal, nos interessa ou interessava no jogo do Porto. 3 a 3—eis tudo...»

Analizando as nove exhibições dos húngaros em Portugal—o *match* internacional *inclusivè*—escreveu Candido de Oliveira no mesmo dia, no *Diario de Lisboa*:

—«Não haveria grande exagero se se dissesse que, em relação aos húngaros, os futebolistas portugueses quasi não sabem jogar — que não possuem uma verdadeira concepção do jogo.

Não sabemos nem podemos jogar imitando os húngaros. Todavia, aquilo que mais faz avultar a sua superioridade é o perfeito dominio da bola e a sua habilidade em servirem-se dela—para jogar. A nossa inferioridade está aí marcada flagrantemente, e isso é a pedra angular do *foot-ball*, do bom *foot-ball*... Nas nove partidas — não vencemos uma unica vez! Dois empates, apenas, que a ninguem convenceram de que os igualavamos...»

Como os leitores esto vendo, o nosso querido camarada é um *artista* no dominó...

* * *

Corre o boato de que está demissionaria a Comissão Administrativa do *Sporting*.

A Comissão Administrativa subiu ao poder, como um ministerio de Salvação Nacional. Dizia-se: o *Sporting*

está em crise, é necessario juntar a *élite*, organizar uma direcção do figuras de prestigio, pondo do parte os novos que se mechem demais...

E sem que nada se tenha alterado, a Comissão cae!

O *Sporting* continua em crise, e é necessaria gente que se mecha, porque as figuras de prestigio não têm tempo para essas coisas...

E quasi que os mesmos argumentos que serviram para justificar a eleição da Comissão servem para justificar a sua auto-queda...

* * *

—«Se o facto de apparecer em publico, num campo de *foot-ball*, vos confere direitos, tambem vos obriga a deveres. E o primeiro dentre eles é o duma conduta irreprezível, quer moralmente quer materialmente.»

Sabem os senhores quem se exprimiu em termos tão acertados? Um juiz de policia correccional de Merthyr, no País de Gales, dirigindo-os a Thomas Brown, jogador da *equipe de Luton*, o que estava sendo julgado por, durante um desafio, ter empregado varias palavras obscenas.

Após o discurso, o juiz condenou-o a cinco libras de multa—uns quinhentos escudos...

E' pena que entre nós se não adopte um sistema do mesmo genero. Porque é tal a frequencia com que nos nossos campos de *foot-ball* se empregam *expressões selectas* — que o rendimento daria para pagamento integral da divida de guerra.

* * *

Está no chôco uma novissima remodelação estatutaria da *A. F. L.*

Obedece a uma notavel directrix de equidade e bom senso.

Oxalá que lhe não succeda o que é de uso acontecer ás obras bem intencionadas. Geralmente, todos os bons planos de restauração esbarram de encontro a escolhos que se não previram. A Terra da Promissão desvanecce-se, e em lugar dela: fica o deserto —com muitos camelos...

REBOLA-A-BOLA

SURPREZA



BELENENSE--O' seu Bemfica... isto não vale...

DOCTOR EM AGUAS

O senhor Carlos Pereira,
Que é das aguas ditador,
E' alvo de chuchadeira
Por não ser sequer doutor,
Nem major, nem vivandeira
Como qualquer vereador,
E o senhor Carlos Pereira,
Se quer fazer um discurso,
Fá-lo sempre com geiteira
Sem fazer figura de urso.
E' só abrir a torneira
Sem pensar que não tem curso,
Não precisa ter estudo,
Nem carta de bacharel
P'ra ser orador taludo
Que faz bem o seu papel,
E enquanto o vereadores
Têm curso militar,
São capitães e majores,
Ele pode-se gabar
Desta coisa muito bela:
—De que tem, como os melhores,
Todo o curso do Alviela.

JOAO MICROBIO

Ao Felix Coppeia

preso no Limoeiro

Amigo muito querido:
Com um frio de rachar,
Escrevo-lhe comovido,
Lamentando o sucedido.
Irra! Já é forte azar!!
Gostei da sua atitude,
Teve subido valor;
Mas confesso, eu, com saude,
Morria nesse ataúde
Mesmo em dias de calor!
Dizem que sou humorista,
Ironicamente contudente
E por tal sou fatalista...
Mas você é jornalista
Com um azar permanente!
Eu, da sua acção gostei
E desta a prosa é de geito
Mas juro-lhe, não graciei
A ordem que deu á Lei
Um rectro-activo efeito!
Mandando a carta sem porte,
Foi multado sem motivo.
Sois fraco e—oh! pouca sorte!—
Dão-vos um remédio Forte...
D'efeito retro-activo!
Emfim... p'ra que protestar
Neste tão grande deserto,
Se ninguem ouve gritar??
E' escusado teimar...
Isto, já não tem concerto!!
Até breve. Pode crêr
Que no domingo ahi vou
Abraçá-lo e off'ecer
Um charuto p'ra aquecer
Essa vivenda onde entrou!

CARLOS FERNANDES DA CRUZ



O MACACO—Como é que consegue fugir da jaula?!

SOMA E SEGUE

Conto do vigário

Como eles caem...

A' mesa dum dos cafés da capital eu e alguns amigos, entre os quais se encontrava o Vigário, falavamos de assuntos diversos, tais como na influencia que exercia nos musicos da orquestra dos cafés os aplausos aos criados, na influencia da comedia «La Garçonne» no publico e, muito em especial, na influencia do café no organismo do cidadão.

Em resumo: era uma influencia de comentarios!

Em dado momento, quando a orquestra tocava a *Espiga*, para suavizar aquela grande *espiga* alguém do grupo alvitrou para que contássemos uma novela da nossa Vida, género *Domingo Ilustrado*.

A maioria, pela voz do Pina, opinou que devia ser o Vigário o primeiro a falar.

Eis o Conto do Vigário:
«Como sabem (nós não sabemos mas dissemos que sim) ha perto dum ano que faço parte, como socio gerente, da firma *Bovinda & Companhia*, o que significa que durante este tempo tenho andado á *bóu vida*. Para me não aborrecer, emprego a minha actividade procurando um emprego, profissão esta que tem dado enormes lucros... a' minha casa de *prego*. A minha situação financeira, por isto mesmo, é idêntica á do Paiz.»

Nesta altura compreendemos que tínhamos de pagar a despesa que ele tinha feito: dois cafés e dois cálices de canal.»

«Têm-me feito empréstimos e findo o prazo do pagamento, não os podendo liquidar, vejo-me obrigado a dar aos credores uma garantia.»

Estupefacto e como que sob o domínio dum forte estupefaciente, perguntei-lhe qual a garantia que ele dava. A resposta não se fez esperar:

«Garanto-lhes a impossibilidade de saldar o meu débito!»

Sensação no auditorio, mas o Vigário, indiferente, prosseguiu:

«Outem, desiludido com a Vida, onde nem sequer vegeto por não ter dinheiro para comer uma conves, mas sim animalaje, entrei em minha casa altas horas da noite, após ter tomado um café e uma resolução inabalavel: Suicidar-me!»

Um grande arrepió percorreu toda a assistencia e eu receei que o nosso infeliz amigo puzesse em pratica, ali mesmo, a tetrica ideia.

«A dificuldade, porém, era no género de suicidio pelo qual devia optar. Pensei em me afogar na ondas do cabelo da minha esposa e quando ia para dar o mergulho, ocorreu-me que minha mulher usava o cabelo á *la Garçonne* e que as suas lindas tranças haviam sido vendidas por uma quantia insignificante a uma vizinha do rez-do-chão que, como era calva, a utilizara para fazer uma cabeleira.

«Arma não possuía nenhuma, pois até as proprias facas foram abrangidas pela Mobilização geral dos objectos da casa de jantar. Resolvi beber um decilitro de água da Companhia por saber que ela estava envenenada. Dirigi-me á cosinha e assim que lá entrei comeci a desmaiar em género *contu-gótas*. A água fóra fechada nesse mesmo dia por falta de pagamento. Oito dias antes succedera o mesmo com gaz.»

Nesta altura o Vigário interrompeu a narrativa para pedir ao criado mais um café e uma cana...

Em seguida prosseguiu:

«Lembrei-me de escrever um artigo protestando contra a prisão do Felix Correia, de quem sou tão amigo que ha já três anos lhe devo 50\$00. O suicidio seria certo mas... não havia papel em casa. Todo o que existia fóra vendido a pezo ao merceiro da esquina. Lembro-me até que por engano tinha ido tambem uma peça em três actos, escrita por mim e intitulada: «Um desempregado á volta de seis empregos», drama pungente que dispensava rebola. E reparem no meu azar: Escrevi aquela peça para matar não só o tempo como tambem a Fome e no final, quem sabe?—foi utilizada para embrulhar um quilo de batatas!

Desiludido, puz de parte a ideia do suicidio e resolvi deitar-me. Adormeci sem nenhum peso na consciencia e muito em especial no estómago.

«Hoje levantei-me e quando me acabei de vestir, reparei que tinha um grande rasgão no casaco. Pedi a minha mulher para o coser, mas obtive por resposta que não havia linha em casa.»

Intrompi o Vigário para lhe perguntar se a linha tambem tinha sido vendida.

«Não! A unica coisa que havia em minha casa era a linha, mas para cumulo da Fatalidade, minha mulher perdera-a desastrosamente. Não possuindo linha, minha esposa vai todas as noites coser em casa do vizinho do primeiro andar.

«Saí da minha habitação com a barriga a dar horas em substituição do meu relógio que está numa casa de penhores e confesso-lhes que estava disposto a morrer como o Lord Mayor de Cork.

«Felizmente que ainda ha amigos caridosos e tendo-os encontrado lembrei-me do ditado: Os amigos servem para as occasiões». Decerto que vocês não deixarão um infeliz morrer de fome e posso contar, portanto, com uns dez a quinze escudos de cada um. Esse dinheiro, nesta occasião, caía do Céu.»

Afinal, nós é que caímos! Caímos das nuvens e caímos... no conto do Vigário!!

ROUX

Contos de Bagaria

Por Ramon

Bagaria fala constantemente do Rusiñol:

—Uma vez, Rusiñol, recolheu a um sanatorio e ficou muito alegre quando soube que já tinham morrido oito por cento dos doentes, que era a proporção anual... «Eu já não morro... Já posso sair daqui—dizia alegremente, acrescentando:—Já excedo os oito por cento!

Outra vez estava pintando em Aranjuez, rodeado de camponios, entre os quais reconheceu um mais assíduo que todos. Supondo que era um admirador, perguntou-lhe: «Gostas de pintura?» —«Eu cá não senhor, respondeu o camponio, o que eu quero é ver se percebo se o senhor leva esses pedaços de tinta da madeira que tem na mão ao quadro ou do quadro á madeira que tem na mão.»

Bagaria conta contos alemães com um puro tom de disparate alemão.

—Aposto uma cerveja, Fritz, que não sabes o que é uma coisa que começa por U e acaba por S.

—Não, não... dou-me por vencido.

—E' um par de sapatos.

—Está bem, apanhaste a cerveja. Mas agora serás tu a pagar se não dizes o que é que começa por D e acaba por S.

—Não... não sei, estamos em paz, desisto.

—Era dois pares de sapatos!

—Está bem. E agora apostemos uma caneca de cerveja que tu ganharás se disseres o que é que começa por um P, sendo passaro verde e falando como os homens?

—Já sei, já sei, três pares de sapatos.

Depois das gargalhadas provocadas pela sua historia, Bagaria continua num tom odiosamente alemão: Duas alemãs encontraram-se na rua e uma diz á outra: «Que tal te deste com o teu casamento com esse francês?» E a outra responde: «Mal, muito mal. Tive que me divorciar porque o meu marido me saiu oceno!»

Grande hilaridade, e Bagaria, incausavel, conta estas outras historias: Um amigo encontra outro e diz-lhe:

—Que caso mais extraordinario... Pareceste-me teu irmão!

—Mas, se eu não tenho irmão!

—Por isso disse que caso mais extraordinario!»

Era, doutra vez, um capitão naval alemão que tinha grande orgulho em afirmar o seu conhecimento de todos os baixos de areia e perigos maritimos. Quando estava nisto aparece um marinheiro e comunica: «Meu capitão, acabamos de encalhar!» E o capitão, sem perder a serenidade, diz aos que o escutavam: «Os senhores estão vendo? Aqui ha um baixo de areia! E digam depois que eu não sei onde eles estão!»

Bagaria continua com um conto americano.

Dois indios encontram-se. Trocam impressões acerca de umas irmãs siamesas que apareceram na aldeia, unidas pela cintura, e o mais ingenho diz ao outro: «Mais extraordinario é o caso que eu vi na minha aldeia: outros dois unidos pelas costas, mas aqueles eram primos-irmãos!»

E Bagaria é interminavel.

—Uma vaca engole uma véspea, a qual, já no estomago da vaca, começa a sentir um calor muito confortavel, que a faz dormir docemente. Mas ao acordar... já a vaca se tinha ido.

(Do Livro de Pombo)

Pela tradução

PEREZ LACHAISE

!! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8\$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D. - LISBOA



BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 às 22 h.

Sorfes grandes?

só o PINA as vendo

75 - Rua de S. Paulo - 77



— Donde é que tu vens?
— Venho da representação da "Garçonne...."



— Sabe o que roubaram?
— Consta que botões. Todos dizem que eles se abotoaram.



A DAMA: — Que distracção a minha! Não perguntei a estes homens se o fumo do meu cigarro os incomodava.



— Que grande desgraça!
— Está pronto! Levou uma pancada do salva-vidas!

O Herodes da Faculdade de Letras



José Leite (Azedo) de Vasconcelos, por graça de Minerva e de Saturno, Pachá da Filologia, Grão-Lama da Arqueologia, Rei do Chumbo, Sultão da «batata», Soha da «Rapozeira», Négus da «negação» pedagógica e Senhor da Conquista... das Armas de S. Francisco.